



Relato da reunião do Grupo “É Possível”, 30 de julho de 2016

Clarice Nunes

Neste encontro foram abordadas as seguintes questões: reunião dos coordenadores dos grupos de familiares com a equipe técnica que conduz o projeto dos Seminários no IPUB, efeitos da conjuntura que o país atravessa sobre a vida dos familiares e suas repercussões no seu modo de viver, processo de evolução do quadro dos vulneráveis, a tênue linha que separa os possíveis sintomas da esquizofrenia dos usos que os pacientes fazem dela, sugestões de encaminhamento para próximas reuniões.

Reunião dos Coordenadores de Grupos de Familiares no IPUB

Pedro Nin Ferreira fez o seguinte relato da reunião dos coordenadores, que aconteceu no dia 16 de julho:

Estavam presentes além dele Leonardo, Alexandre, Olga, 2 pessoas do grupo do Centro, uma da Tijuca, o Gustavo e a mãe.

Inicialmente, os profissionais quiseram ouvir dos grupos relatos sobre seu funcionamento: como andava a participação, se a metodologia proposta estava funcionando, quais as questões mais levantadas nos encontros, como os coordenadores estavam se sentindo na função, como estava sendo vista a participação da equipe técnica, etc. O objetivo era apreciar como estavam os grupos e como poderiam fortalecer o seu trabalho.

Sobre a metodologia: o grupo do Centro é o que mais enquadra as reuniões nela. Em todos é palpável uma grande vontade de expressão dos presentes.

Sobre os assuntos mais trazidos pelos participantes: medicação, sofrimento dos cuidadores, ocupação dos pacientes, estigmatização da doença, conflitos cuidadoresXpacientes.

Os coordenadores afirmaram como está sendo gratificante o trabalho realizado e que era importante a continuidade do suporte dos profissionais para o fortalecimento e consolidação dos grupos.

Após o debate sobre esses pontos, surgiram as seguintes sugestões:

- Realização de encontros periódicos dos coordenadores com a equipe técnica (uma espécie de supervisão);

- Realização de um workshop para debater o trabalho dos grupos de ajuda, em um dia inteiro, sendo a parte da manhã para todos os participantes dos grupos e a parte da tarde somente com os coordenadores e equipe técnica.

- Organização de futuros seminários informativos e de intervenção social sobre os desafios das doenças mentais (Por exemplo: Como reduzir o estigma da esquizofrenia na sociedade?).

As comunicações poderão ser feitas através do grupo de coordenação criado no WhatsApp.

A coordenadora do grupo do Centro lembrou do encontro que ocorrerá no Ministério Público do RJ sobre o Estatuto da Pessoa com Deficiência no próximo dia 25/7, das 13h as 18h, e sugeriu sua divulgação nos grupos.

Tempos de crise

Não está nada fácil para alguns familiares enfrentar a situação de estagnação da economia, de desemprego que o país atravessa, de ausência de perspectivas a curto prazo. A dificuldade para pagar as contas está provocando em algumas famílias uma reviravolta em suas vidas e obrigando-as a mudarem das suas residências, reduzirem despesas e se organizarem como podem para o enfrentamento da crise. Isso afeta os vulneráveis que se preocupam com o futuro e com as possibilidades de restrições, sejam econômicas e/ou financeiras que seus pais enfrentam.

O processo de evolução do quadro dos vulneráveis

Os relatos, de um modo geral, focalizaram o tema da estagnação. Alguns vulneráveis continuam resistindo a tomar medicação, a ir ao médico, a aceitar participar de alguma terapia, a manter relações agressivas com suas mães ou outros parentes. A ausência de projetos, que faz parte do quadro sintomático, às vezes exaspera os pais. Temos dificuldade em compreender e aceitar alguém em nossas vidas que não se mostre, nem deseje ser o que se considera “produtivo”.

O que incomoda, sobretudo, é a ausência de projetos. A frustração dos familiares é a de não saber o que propor ao vulnerável ou ver que suas propostas não são aceitas, ou são consideradas e posteriormente descartadas. Teimamos em querer salvar nossos filhos, *missão impossível*. Caímos na tentação de querer a todo custo encontrar uma saída para eles, esquecendo que essa nossa insistência acaba fomentando nossa própria ignorância em relação a quem somos e a quem eles são, aos seus desejos, às suas reais possibilidades. Podemos acabar indo aos extremos: fazendo por eles o que podem fazer ou então negligenciando-os, por não suportar a frustração das nossas próprias expectativas irrealistas.

Sem dúvida, o estigma social que pesa sobre o adoecimento mental afeta a inserção dos vulneráveis em ambientes de trabalho ou estudo. As condições oferecidas não levam em conta a especificidade de quem lida com esse transtorno. Enquanto isso não muda, o que fazemos? Pelo menos, podemos encaminhar, num nível mais amplo, encontros – como os sugeridos na reunião dos coordenadores de grupos de familiares – que se configurem como situações de esclarecimento da situação que nos afeta como familiares de vulneráveis e das especificidades que estes possuem, sobretudo em relação às situações de trabalho.

O processo de adoecimento e os usos da doença: a questão dos limites

Um relato, especialmente tocante, nos fez pensar enquanto grupo, como pode o vulnerável obter o que deseja usando alguns aspectos do adoecimento, sobretudo a sua própria dificuldade em aceitar frustrações. Como usa a possibilidade de agravamento do seu quadro, provocando e ameaçando seus cuidadores com o objetivo de obter, o que do seu ponto de vista são direitos ou regalias, e praticamente obrigando a que os outros se coloquem 24 horas ao seu serviço. Nesse caso, como observamos, não temos apenas a questão da vulnerabilidade, mas sobretudo a questão da tirania do mais frágil no relacionamento.

Esta é uma questão séria e afeta a percepção dos limites dos cuidadores, que se vêem na dúvida entre atender, ou não, a pedidos que nem sempre são adequados, plausíveis. Necessários? No entanto, a atitude recorrente é ceder aos desejos do outro o que fortalece sua perspectiva de que tudo pode já que sua situação de saúde assim lhe assegura, o que é evidentemente uma atitude apoiada sobre uma conclusão equivocada.

A questão que nos aflige é como colaboramos para essa situação? Como lidar diante de ameaças cotidianas que acirram nosso medo de sermos agredidos? O que fazer? Não temos uma resposta que sirva como receita, mas sabemos da importância de uma relação adequada entre tolerância e limites, adequação entendida aí para todos: os vulneráveis e seus cuidadores. A rigor, observamos que nos falta, enquanto cuidadores, a consciência dos nossos próprios limites. Tendemos a alargar essa possibilidade até nos exaurirmos sem ter de fato colaborado na resolução das questões que vão se apresentando. Começemos, portanto, conosco, fazendo a nossa parte, identificando nossos reais limites e respeitando-os.

Sugestões

Já ao final do encontro surgiu a sugestão de convidar membros da equipe técnica do IPUB para tratar de alguns temas debatidos no grupo: Esquizofrenia e agressividade; Esquizofrenia e estagnação profissional e social; Esquizofrenia: o adoecimento e seus usos pelo vulnerável.